Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.o á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 832

10 DE FEVEREIRO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

D. FRANCISCO JOSÉ RIBEIRO DE VIEIRA E BRITO

Novo Bispo de Lamego

CHRONICA OCCIDENTAL

Sinto os guisos a tinirem pelas ruas cheias de lama. Oiço as pragas dos chéchés e uma bulha infernal de zabumbas, gaitas, apitos, cornetins desafinados.

Espirito sempre o mesmo: carencia absoluta, que é a nota definitiva e sabida de todos esses divertimentos. É já chavão final da maior parte dos artigos que falam de bailes de mascaras, da lugubre procissão da Avenida, da grande folia carnavalesca do Chiado.

Lembra-me agora uma velha caricatura do *Antonio Maria* com este dialogo:

Um mascarado para a dama que o acompanhava: — Não sei o que tenho hoje; sinto-me burro.

Ella: — Talvez esteja doente.

Elle: — Não. Felizmente estou no meu estado normal.

Quando o vinho o desmoralisar, ha sopapo bravio, corridas de policias, peor cheiro nas enxovias. Normalmente é aquillo, nenhum sabe o que tem, mas sente-se burro.

Assim se passaram os entrudos passados, assim vae este passando e passará.

Os theatros não apresentaram novidades n'estes dias. O Gymnasio e D. Amelia, ha já noites que deram *O juiz d'uma cana* e *O outro eu*, peças francezas dos melhores auctores comicos.

Apezar de no governo civil se não ter permittido que as danças e cégadas explorassem o publico, muitos foram os pedidos de licenças. E por ahi andou a sabida dança da lucta e varias parodias, grupos de saloios, carros-reclamos e o mais que já é sabido, sem maior novidade.

O consentimento para no entrudo se jogar com pó d'amido chamou á imprensa o *Constante leitor*, epistolographo muito conhecido, que fez varias considerações. Houve, mão grado as excellentes considerações do nosso amigo, com os tremoços, serpentinas e papelinhos, muito pó d'amido, muita farinha e alguma cal. Os fatos novos ficaram todos velhos. Os alfaiates vão levar ao sr. governador civil um abaixo-assignado em agradecimento.

Contrastando com essa miseria digna de dó arrastada pelas ruas enxarcadas, faremos aqui menção de trez bailes que ficarão marcados como dos mais bellos de Lisboa n'esta epoca: o da sr.ª duqueza d'Avila e Bolama, o do sr. marquez de Castello Melhor e o do sr. Ministro da Allemanha.

Afóra essas festas esplendidas, d'uma só temos de tomar nota, a dos estudantes da Escola Medica, com os costumados andores, discursos, jornal, muito espirito e sobretudo muita alegria. No meio da troça muita satyra, e concorrencia enorme no pateo do hospital, alegrado por uns instantes.

Os estudantes de Coimbra e Porto e os do norte de Hespanha visitam-se agora a miude. Vão os de Portugal á Corunha, veem os de Valladolid a Portugal. São festas cá e lá, discursos enthusiasticos, recepções alegres, musicas e banquetes, muitos discursos com os chavões conhecidos *pueblos hermanos*, etc.

Mas a verdade é que os estudantes portuguezes foram sempre muito bem recebidos em Hespanha e que os hespanhoes, que o anno passado estiveram em Coimbra, foram encantados com a recepção que lhes foi feita e alto e bom som o proclamaram.

Não estamos a isso muito costumados e não nos tem faltado quem recebido entre nós com a nossa costumada cortesia depois nos morda e nos ridicularise.

Acaba de fallecer a celebre Princeza Rattazzi, cujo livro *Le Portugal á vol d'oiseau* tão discutido foi entre nós e a tão alegres folhetos deu motivo, um de Camillo Castello Branco, outro de Urbano de Castro, e quantos mais, todos respondendo ás amabilidades da Princeza, e celebrando a ignorancia com que falava das nossas coisas.

Algumas das suas tolices ficaram celebres e a inconsciencia com que se atreveu a morder em muitos dos nossos homens de letras de maior valor e a cujos livros nem de vista as capas lhes conheceu.

Não lhe deu gloria o livro. Deus lhe fale n'alma a ambos, á Princeza e á sua obra.

Diga-se, porém, a verdade. Os exttangeiros que pouco entre nós se demoram não teem outro remedio senão dizer mal de tudo, porque, só por excepção, d'alguma coisa ouviram dizer bem. Levam-os aos Jeronymos, á Torre de Belem, falam-lhes de nossas glorias passadas e do mais dizem-lhe que é miseria. Elle acredita, e depois pomos todos as mãos nas cabeças. Pois aquelle a quem fomos dizer mal de tudo, não teve a pouca vergonha de repetil-o!

Os portuguezes são homens de ruim lingua, já o dizia Rodrigues Lobo, ja o eram no tempo d'elle em que ainda tanto havia para dizer bem.

Vamos mais um seculo para traz e admiremos que intrigas ferviam n'aquella côrte d'El-rei D. Manuel. Até o proprio Gil Vicente foi accusado de roubar as suas comedias. Faltou n'esse tempo uma Rattazzi que o fosse repetir ao mundo inteiro.

Esta vida são dois dias e depois d'ella se faz justiça... a cuem se faz.

Gil Vicente está n'esse caso. A's glorias que teve em vida outras novas se lhes vão juntar. Por proposta de Urbano de Castro, no conselho d'arte dramatica, vae para junho celebrar-se o quarto centenario da fundação do theatro portuguez pelo auctor do *Auto da Visitação*.

É de esperar que a imprensa de Lisboa tome a peito a celebração d'esta data tão notavel na

nossa litteratura, ella a quem tanto devem do seu explendor a maior parte das festas celebradas para commemorar os homens mais notaveis ou os feitos gloriosos da nossa historia.

Desde o centenario de Camões até ao centenario do descobrimento da India foi ella quem educou o espirito publico para comprehensão da grande obra do poeta e do feito heroico que elle cantou em suas estancias immortaes.

Essa consideração se lhe deve e é de justiça archival-o. A sua grande missão educadora tem sabido cumpril-a sempre que se trata d'alguma das nossas glorias mais limpidas.

E é porque lhe devemos gratidão por esse e outros respeitos, que com prazer archivamos n'este jornal todas as manifestações que tratam de honrar os que na imprensa se teem tornado mais distinctos.

Foi ha dias por um grupo de amigos offerecido um jantar aos nossos collegas do *Diario de Noticias*, Brito Aranha e Alfredo da Cunha. O banquete realisou-se no Hotel da Europa, sendo os illustres redactores d'um dos mais antigos jornaes de Lisboa brindados e com a mais viva sympathia.

Decerto não faltarão a querer espalhar a gloria de Gil Vicente os que tanto a peito hão tomado o celebrar a Camões, Marquez de Pombal, Vasco da Gama.

Tambem Almeida Garrett ha muito que espera a devida consagração ao seu talento, talvez o maior que illuminou Portugal durante a primeira metade do seculo que findou.

Fala-se ha muito em erguer-se-lhe uma estatua em Lisboa ou Porto e na trasladação das suas cinzas para o Jeronymos.

Muito mais se lhe deve.

E foi por isso que no dia 4 d'este mez, anniversario de seu nascimento, a convite d'uma commissão que tomou a iniciativa de constituir uma associação destinada a honrar a memoria do grande escriptor, se reuniram na Sala Algarve da Sociedade de Geographia, muitos escriptores, jornalistas e dramaturgos.

Presidiu o sr. Conde de Valenças, que mandou dar leitura das bases da nova associação que tenta organisar-se e terá como fim principal tornar conhecida do publico toda a obra do auctor do *Frei Luiz de Sousa* e promover quanto possivel o adiantamento da arte em Portugal.

Dada a palavra ao sr. Dr. Theophilo Braga, o illustre professor fez o elogio de Almeida Garrett demonstrando quanto lhe deve, não só a litteratura portugueza, mas toda a instrucção publica em Portugal.

A má lingua indigena faz-nos muita vez, ser injustos com os vivos; sejamos ao menos justos com os mortos.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. FRANCISCO JOSÉ RIBEIRO DE VIEIRA E BRITO

Novo bispo de Lamego

Tendo fallecido em 3 de dezembro do anno passado o bispo de Lamego, D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, foi transferido ha pouco para aquella diocese o rev.^{mo} bispo de Angra D. Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, cujo retrato publicamos.

Cumpre-nos aproveitar a occasião para dedicarmos á memoria do fallecido prelado lamecense a merecida homenagem, reproduzindo alguns periodos da sua ensinadora biographia, pois são bem valiosos os serviços que o paiz lhe deve, sobretudo os que prestou na Africa e no Oriente.

Ainda simples sacerdote foi durante muitos annos secretario do arcebispo de Goa, o notavel orador e professor da Universidade, D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, e n'esse logar foram assignalados os serviços que prestou e que largamente contribuiram para que não fossem desrespeitados os direitos do nosso padroado. Era geralmente conhecida a parte que o secretario do arcebispo tinha n'esses magnificos relatorios, que firmados por D. João Chrysostomo tamanha acceitação tiveram do governo portuguez.

Sendo ministro da marinha e ultramar o illustre escriptor Pinheiro Chagas, que conhecia bem o valor pessoal, a illustração e o bom senso do padre Antonio Thomaz, instou com elle para que acceitasse a mitra de prelado de Moçambique.

Então o novo bispo ultramarino mostrou quão bem orientada tinha sido a sua nomeação, fazendo na diocese reformas importantes e decretando medidas de alcance patriotico.

Fallando com bastante correcção o inglez e o italiano, o bispo de Lamego escreveu tambem n'essas linguas varias memorias interessantes.

Caracter puro e consciencia recta o fallecido prelado não fez senão colher sympathias e respeitos de quantos o conheciam.

Com o seu fallecimento ficou *sede vacante* a diocese de Lamego. Logo o cabido elegeu para vigario capitular ao conego Francisco de Carvalho Arruda, que, como foi notorio, não era o insinuado pelo governo. D'aqui se originou o conflicto com o cabido lamecense, considerado rebelde. Felizmente parece que a apresentação do novo bispo terminará com a questão, na verdade bem pouco sympathica se se quizer attender a que o pretexto de sustentar a chamada regalia da corôa do direito de insinuação não passa de um manifesto abuso do poder. Outra cousa não é o coagir a eleger um determinado individuo, quando para se poder escolher deve existir inteira liberdade. Menos violento e indigno seria o governo fazer logo a nomeação do que promover um acto tão contrario aos sentimentos verdadeiramente liberaes.

Com muito prazer archivamos a figura insinuante do novo prelado lamecense, convencidos de que a sua apresentação porá termo n'essa questão irritante.

Em Angra, onde foi recebido pouco depois de sagrado bispo, a 11 de abril de 1892, não tardou D. Francisco José a impor-se aos affectos, sympathia e respeito de todos, graças ás suas virtudes, talento e bom tino governativo.

Será pois um digno successor do extincto prelado de Lamego quem tão honrosamente soube dirigir aquella diocese açoriana durante dez annos.

O rev.^{mo} sr. D. Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito nasceu em 6 de julho de 1850 em Santa Maria de Rendufinho, da Povoa de Lanhoso, contando portanto quasi 52 annos de edade. É filho do dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, antigo deputado da nação, e de D. Felisarda Rosa Vieira de Campos.

Fez os seus estudos preparatorios, com distincção, no lyceu de Braga, e theologicos no seminario archi-diocesano. Em 1872 matriculou-se na faculdade de direito da universidade de Coimbra, recebendo a formatura em 18 de junho de 1877.

A 7 de junho de 1873 recebera as ordens de presbytero das mãos do sr. bispo-conde de Coimbra.

Concluida a formatura, assentou banca d'advogado na Povoa de Lanhoso, d'onde em 30 de agosto de 1878 foi chamado para a regencia da cadeira de theologia moral no seminario de Braga. N'esse anno o rev.^{mo} arcebispo de Braga nomeou-o desembargador da relação ecclesiastica e promotor do arcebispado. Por duas vezes exerceu o cargo de reitor do lyceu de Braga. Em 1888 foi elevado a vigario geral, e em 1891 apresentado conego, exercendo na ausencia do sr. arcebispo o cargo de governador.

Em 13 de janeiro de 1892 foi apresentado bispo de Angra, confirmado em 5 de março pela Santa Sé e a 27 sagrado na sé de Braga. A 11 de abril seguinte tomava posse na cathedral angrense e n'essa diocese tem feito um dos mais notaveis governos que ella regista nos seus 32 bispos.

RECONSTITUIÇÃO DA MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

Em seguimento dos trabalhos que no nosso arsenal se tem feito para a reconstituição da marinha de guerra, d'onde já sahiram com bom exito o cruzador *D. Amelia* e a canhoneira *Tejo*, parece que em breve se iniciará o fabrico de uma nova canhoneira, cujos planos e projecto estão já promptos.

Preside á construcção d'este novo navio uma muito louvavel idéa de economia, pois que se conta aproveitar a machina do vapor *Quelimane* e applicar o material que sobejou do cruzador *D. Amelia*.

Como os dois navios anteriores a nova canhoneira será construida debaixo da direcção do engenheiro sr. Alphonse Croneau, que elaborou os respectivos planos.

Segundo esse projecto, as caracteristicas principaes do novo navio serão:

Comprimento entre perpendiculares, 46 metros; bocca na fluctuação 5,^{m} 24; calados: á vante 2,^{m} 06, a ré 2,^{m} 46, medio 2,^{m} 26, differença o,^{m} 4; profundidade de carena a meio 2,^{m} 16; deslocamento 300 toneladas.

Artilharia: uma peça de 47 $^{m}/_{m}$ no tombadilho, duas peças de 47 $^{m}/_{m}$ a meia nau, uma peça de 65 $^{m}/_{m}$ no castello.

Interiormente terá os seguintes compartimentos: tres despensas, sala dos officiaes, camarotes para official; sala do commandante; camarote dos aspirantes; casa de banho; retretes; dois paioes para mantimentos; casa da machina; casa das caldeiras; casa do carvão; camarote dos sargentos; aguada; paiol do vinho; paiol de amarras.

As caldeiras parece que serão do typo Almeida Guimarães.

PALACIO DA BOLSA EM BRUXELLAS

E' a nação belga um estado que bem se pode tomar como modelo de actividade, de industria e de commercio. Limitada ao norte pela Hollanda, a oeste pelo mar do Norte, que a separa da Inglaterra, ao sul pela França e a léste pela Allemanha, e pelo grão-ducado de Luxemburgo, tem uma superficie muito inferior á de Portugal, continente, e uma população das mais densas dos paizes da Europa.

O solo, muito cultivado, produz cereaes, lupulo etc. Tem abundantes minas de hulha, ferro e zinco, e uma industria desenvolvidissima, que se exerce principalmente em rendas, armas, tapetes, machinas e exploração da hulha. O commercio, que se effectua especialmente com os paizes visinhos, é importante. Os principaes artigos de exportação consistem em tecidos, machinas e carvão.

Não admira, pois, que este pequeno paiz apresente nas suas cidades notaveis edificios, erigidos com a mesma actividade que caracterisa a sua população sobria e trabalhadora. Mas se compararmos a pequena Belgica com o nosso Portugal, o confronto só nos dá magoa, vendo que ahi se erguem bellos edificios, que causam a admiração dos viajantes. Aqui, as nossas obras publicas, consumindo a verba orçamental e os creditos extraordinarios, não produzem um edificio condigno, gastando-se rios de dinheiro com alicerces, que não passam dos caboucos, ou com reconstrucções vergonhosas.

Tudo isto nos suggere a vista do palacio da Bolsa na capital belga, de que damos a gravura.

Mas a Bruxellas moderna apresenta muitos outros monumentos notaveis, taes como o *Palacio de Justiça*, o *Banco Nacional*, as *Galerias de Santo Huberto*, o *Palacio das Bellas Artes*, etc.

Acerca do palacio da Bolsa, transcreveremos aqui os periodos que lhe dedica na sua interessante obra *Viagens — I — Belgica* o distincto escriptor e nosso illustre collaborador sr. Zephyrino Brandão, que, em poucas palavras, nos dá d'esse palacio uma conceituosa apreciação:

«*A Bolsa de commercio* é outro edificio magnifico, no estylo da renascença. Parecerá talvez muito pesada a sua ornamentação exterior, muito abundante em superfluidades; é, porém, um monumento de grande effeito e apropriado para centro do commercio da capital belga.»

THEATRO DA AVENIDA

TIÇÃO NEGRO

Farça lyrica de H. Lopes de Mendonça, musica de Augusto Machado

Com o maior prazer registamos o pleno successo d'este trabalho accentuadamente portuguez em que dois dos nossos melhores escriptores de theatro viram coroados os seus esforços com um exito de excepção.

No que respeita ao poema, baseado nos melhores episodios das obras de Gil Vicente, o fundador do nosso theatro, pulvilhados de bons ditos com que o fino espirito de Lopes de Mendonça soube matisar uma acção que corre facil, alegre e nos limites da boa logica — do poema, diziamos, já a critica se occupou com o devido desenvolvimento, tributando a Lopes de Mendonça os elogios que merece o seu trabalho tão digno de applausos.

Vamos convergir as nossas attenções em especial para a musica que valeu a um dos nossos mais illustres compositores um verdadeiro triumpho e a todos os que se interessam por coisas d'arte, a esperança de que não vem longe uma epoca mais brilhante para a musica portugueza.

Com os nossos compositores dá-se frequentemente uma circumstancia que muitas vezes os tem prejudicado. Quando se applicam com maior cuidado na confecção das suas partituras, quando,

fugindo ás fórmas banalissimas que para ahi acompanham a mór parte das revistas, das magicas e das operettas, pōem nos seus trabalhos alguma imaginação e alguma sciencia, as deficiencias dos librettos ou outras causas fortuitas fazem n'um instante perder toda essa canceira e obrigam os collaboradores musicaes a um silencio de desanimo ou a um regresso ás commodas banalidades. Varias teem sido as victimas d'esta coincidencia fatal, e o proprio auctor da musica do *Tição Negro* não se poude escapar á sua influencia.

Mercê de Deus, chegou agora o momento de, compositor e librettista, triumpharem em toda a linha. Alliados a um emprezario intelligente, que venceu com galhardia todas as difficuldades que se multiplicavam para a realisação do ideal; contando com um habilissimo ensaiador musical — Filippe Duarte — que empregou esforços verdadeiramente heroicos para uma execução digna do maior applauso, os auctores do *Tição Negro* podem gabar-se de terem alcançado um exito brilhante com um trabalho digno d'isso sob todos os aspectos.

Augusto Machado, compositor que já em obras de maior folego tem revelado quanto vale o seu engenho e o seu saber, escreveu agora musica facil e despretenciosa, mas que por ter taes qualidades, não será talvez menos valiosa do que a que se apresenta em meios mais completamente artisticos. Em qualquer dos nossos theatros de operetta, os recursos são sempre restrictos. Se dispômos de uma artista de rara intuição, como Palmyra Bastos, temos a luctar com um grupo coral que não supportaria difficuldades; se Filippe Duarte é um dos nossos musicos mais intelligentes, a sua orchestra não dispõe nem do numero sufficiente, nem dos recursos de que haveria mister para o compositor se não preoccupar com isso.

Eis porque a facilidade do genero e a simplicidade dos meios fazem accumular as preoccupações do compositor, difficultando-lhe a tarefa.

Na musica do *Tição Negro* ha numeros verdadeiramente notaveis pela sua factura bem planeada, e outros que desde logo se impõem ao agrado das plateias. Entre elles podemos mencionar a *serenata tercetto*, as coplas do *D. Iñigo*, a cantiga do preto, o sextetto, o tercetto dos *credores*, o final do 1.º acto, as coplas de *Apariço* no 2.º acto, toda a scena da bruxaria e os bailados que seguem; o duetto das matinas, de uma frescura deliciosa, e, finalmente a *ensalada* e o *exorcismo* que são das paginas mais bem cuidadas da partitura.

É mister ainda dizer que um plano bem concebido subordinou toda a obra musical. As situações predominantes e as principaes personagens sublinham-se com *motivos* caracteristicos e apropriados. Assim a apparição do supposto *Satanaz* tem um desenho que lhe é proprio e que se desenvolve na abertura; o *preto* tem tambem a sua phrase que apparece de quando em quando, nomeadamente e muito aproposito no final do 1.º acto, quando em vão se procura o roubador da salva. Outros desenhos se reprecutem e tornam a obra interessante e digna de figurar entre as melhores, para o que pouco não concorrem o brilhantismo dos seus concertantes e a sua bella orchestração.

Da excellente execução musical do *Tição Negro* convem destacar duas figuras principaes: Palmyra Bastos e Filippe Duarte. A primeira, graciosa interprete a quem os auctores dedicaram o seu trabalho; o segundo, o habil ensaiador e regente d'orchestra a quem se deve em grande parte o exito obtido.

Os demais artistas que foram Jesuina, Francisca Martins, G. Lussey, Alfredo Carvalho, Gomes, Roldão, Correia, contribuiram para um exito excepcional e que garante uma longa carreira.

As nossas calorosas felicitações, pois, a Augusto Machado, Lopes de Mendonça e a Sousa Bastos, o activo e intelligente emprezario.

J. Neuparth.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 827) [1]

1899-1900

Companhia franceza de declamação — A Réjane; peças representadas — Assignaturas ordinaria, extraordinaria e supplementar; grande afluencia do publico — Recitas da companhia franceza — A celebre Réjane, insigne na comedia — Companhia lyrica — Bons artistas já conhecidos — Reapparição de Regina Pacini; como tem conservado as suas excepcionaes qualidades; como o publico a acolheu com enthusiasmo — Gemma Bellinccioni; seu extraordinario talento dramatico — Artistas novos — O barytono De Luca — O baixo Perelló — Reportorio — Operas novas — *Bohème* de Leoncavallo — *Fedora* de Giordano — *Bohème* de Puccini cantada successivamente por 4 tenores! — A dama Cavalieri; formosura e diamantes; recita tumultuosa; o publico não a deixa cantar na segunda recita — A semsaboria do maestro Conti; imbiração do publico — A empreza tenta no fim da epocha realisar uma nova assignatura extraordinaria de 12 recitas; alguns assignantes dos camarotes de 1.ª ordem, d'esta vez fartos de tantas recitas insignificantes seguidas, não subscrevem; fazem greve e são seguidos por muitos, mallogrando-se assim a assignatura — As recitas supplementares (alcunhadas de *sebastiôas*) deixam de ser *moda*, sendo pouco concorridas por melhores que sejam os espectaculos — Como este facto absolve, em parte, o emprezario de seguir na sua gerencia theatral o processo que o publico merece — Concertos e beneficios — Concertos classicos no salão do Conservatorio — O frio no theatro de S. Carlos; queixas infructiferas dos espectadores durante muitos annos — A Réjane revolta-se contra a temperatura siberiana do theatro; é attendida — O theatro é ventilado e aquecido artificialmente — Como foi resolvido o problema pelo engenheiro Teixeira Judice — A illuminação electrica no theatro de S. Carlos no anno de 1900 — Lampadas de incandescencia — Arcos voltaicos permanentes e volantes — Geradores de electricidade — Motores e caldeiras de vapor — Circuitos e distribuição da electricidade — Energia electrica disponivel — Custo da illuminação — Custo do Kilowatt por hora — O electricista Antonio Pinto Bastos junior. — Precauções contra os incendios.

Uma novidade se apresentou na epocha de 1899-1900 no theatro de S. Carlos. Foi o fazer a empreza uma assignatura extraordinaria, em que havia algumas representações da celebre actriz franceza, Gabrielle Réjane, englobadas com recitas de opera lyrica; esta assignatura era, porém, facultativa para os antigos assignantes da epocha de 1896-1897 (ultima da empreza anterior para os quaes a empreza Pacini, tinha que garantir a assignatura nos termos dos annos anteriores), e que tinham continuado a ser assignantes até 1899.

A assignatura ordinaria de 50 recitas foi feita nas mesmas condições e preços da epocha antecedente.

A assignatura extraordinaria compunha-se de 18 recitas, sendo 12 de opera lyrica e 6 representações da companhia franceza de Réjane, pelos seguintes preços:

Frizas com 5 entradas	280$000
Camarotes de 1.ª ordem	330$000
» » 2.ª »	174$000
» » 3.ª »	145$000
Torrinhas	102$000
Plateia	33$000
Galeria 1.ª fila	19$200
Galeria 2.ª »	16$800
Galeria 3.ª »	15$600

Os preços eram os seguintes, avulsos, quér em recitas ordinarias, quer extraordinarias:

	Opera lyrica	Comedia franceza
Frizas	17$000	22$000
1.ª ordem	21$000	25$000
2.ª »	11$000	14$000
3.ª »	9$000	11$000
Torrinhas	6$000	9$000
Platea	2$000	3$000
Galeria 1.ª fila	1$200	1$500
Galeria 2.ª »	$900	
Galeria 3.ª »	$700	
Varandas	$600	$800
Entrada no theatro	$500	$500

A afluencia ás assignaturas, ordinaria e extraordinaria, foi tão grande, que a empreza, como já tinha feito no anno anterior, abriu uma assignatura supplementar; mas d'esta vez com 12 recitas de opera englobou 2 recitas de comedia da Réjane pelos seguintes preços:

Frizas	205$000
1.ª ordem	246$000
2.ª »	130$000
3.ª »	110$000
Torrinhas	75$000
Plateia	23$000
Galeria 1.ª fila	15$000
Galeria 2.ª »	12$600
Galeria 3.ª »	11$400

Para as recitas de Réjane foi eliminada a orchestra, collocando-se em seu logar *fauteuils*; abrindo-se uma assignatura especial para 8 recitas d'aquella actriz por 24$000

Antes da vinda da Réjane, no mez de novembro, houve no theatro D. Amelia, representações por companhias francezas de declamação, em que figuraram as celebres artistas: Sarah Bernhardt, Jane Granier e Jane Hading.

A 14 de novembro de 1899 falleceu repentinamente o notavel maestro, compositor e violinista Victor Hussla.

O theatro de S. Carlos abriu no dia 4 de dezembro de 1899 com as recitas da comedia franceza.

A companhia dirigida por M. Dorval compunha-se dos seguintes artistas.

M.mes Réjane, Bernou, Crozet, Andral. Nicolet, Baudin, Brevaldy, De Beaulien, Demarsy, Duluc, Gerard, Houdon, Mayer, Moyleto, Morlet, Viarny.

Mm. Numés, Manloy, Volnys, Bordats, Brevaldy, Charpentier, Demorny, Frank, Ilbert Mayer, Lauret, Leubas, Maury, Monteux, Pelition.

Deram-se as seguintes peças;

Ma cousine, de Meilhac e Halévy, em 4 de dezembro de 1898.

M.me Sans-Gêne, de Sardou e Moreau, em 5 de dezembro (e em 11 de dezembro 2.ª recita de assignatura supplementar).

Sapho, de Alfonse Daudet, em 6 de dezembro.

La parisienne, de Henry Becque, em 7 de dezembro.

Lolotte, de Meilhac et Halévy, idem.

Zaza, de Bertonét Simon, em 8 de dezembro (1.ª recita de assignatura supplementar) e 10 de dezembro.

Divorçons de Sardou, em 9 dezembro.

Madame de Lavalette, de Moreau, em 12 de dezembro, festa artistica e despedida de Réjane; recitou esta actriz os monologos *Poupée*, e *spectacle gratis*. Debutou n'esta recita Germane Réjane filha da celebre actriz.

Para esta recita os preços foram os seguintes:

Frizas	18$000
1.ª ordem	21$000
2.ª »	11$000
3.ª »	9$000
Torrinhas	7$000
Fauteuils na orchestra	3$000
Plateia	2$500
Galerias	1$300
Varandas	$800

Em 8 de dezembro de 1899, pelas 1 1/2 horas da tarde no salão do theatro de S. Carlos, houve um concerto em beneficio do maestro Vellani. Cantaram alguns dos seus discipulos; Ermelinda Cordeiro, Elysa Lamayer, Hedwiges Cardoso, Isabel Gomes, Angela Valadin, Emilio Velo, Alberto Maceira. Acompanhou ao piano o maestro e pianista Oscar da Silva.

(Continúa)

F. da Fonseca Benevides.

PARLAMENTO

São manifestamente prejudiciaes á vida intima dos povos os factores viciados de representação parlamentar.

Más eleições produzem maus deputados, e quando estes não vão ao Parlamento por merito proprio e por livre escolha popular mas saindo da copa do chapeu ministerial, então, em vez de defensôres das liberdades publicas exhibem-se procuradores de si proprios e sanccionam promptamente quanto os governos lhes ordenam. Pois «o elemento mais divino que existe sobre a terra é a vontade livre do homem» como sustentou com inteira propriedade P. Lanfrey em seus *Estudos e retratos politicos.*

Um moço ambicioso, um pouco intelligente e sagaz, sem escrupulos de consciencia, tem naturalmente indicado um logar no seio da representação nacional em terra portugueza e uma pasta de ministro futura.

Basta isto ao presente!

O peor porém não é o que acabo de escrever: a maior calamidade que nos affige é termos camara de deputados composta de empregados publicos em sua grande maioria.

Ha partidos sem orientação elevada, e correligionarios politicos de interesse pessoal: eleitores não existem!

«O verdadeiro homem de partido, escreveu no esplendido livro *Ensaio sobre a historia do governo e da constituição britanicos* o conde John Russell incontestavelmente um politico que foi dos ministros mais illustres da rainha Victoria e já como ella no somno da morte, o verdadeiro homem de partido acha em seu proprio espirito certas regras geraes de politica e certos principios geraes de moral que lhe servem de guia para decidir todas as questões novas e duvidosas. A crença na justiça d'essas regras e d'esses principios torna-o capaz de resistir ás seducções do interesse e á habilidade dos sophismas; a sua conducta adquire assim a firmeza que forma o caracter da integridade e da sabedoria»

Comprehenderiam estas phrases de profunda hygiene social os nossos pseudo — politicos se alguem as reproduzisse no parlamento portuguez?

---

[1] Por lapso deixou de ser publicado este artigo, antes do anterior, no n.º 831.

THEATRO DA AVENIDA

O TIÇÃO NEGRO

AUGUSTO MACHADO

PALMIRA BASTOS

LOPES DE MENDONÇA

SOUSA BASTOS

Tanto como estas de Burke, transcriptas no citado livro de Russell? «Um partido compõe-se de individuos que se reunem para servir o interesse nacional, dirigindo o conjuncto de seus esforços consoante algum principio particular admittido por cada um d'elles.»!

Qual moral e qual interesse nacional! são palavras de estylo oratorio e de eloquencia parlamentar, quando muito!

Advogar a causa popular, conjugar as vantagens locaes com o bem da patria! isso não passa de velharias gastas pelo uso e convertidas pelo abuso em convencionalismo de logares communs!

Assim caminha tudo: assim se define a camara dos deputados da nação portugueza!

Porque se vota, quem vota, como se vota? vota-se por um sino de egreja, pela isenção de um recruta e até por um copo de vinho; votam os vivos e os mortos; vota-se com amor e com odio, com arte e com toleima, com embófia e com indignidade!

Tal é o quadro eleitoral que apresenta o paiz de extremo a extremo em epochas deprimentes de apuramentos de listas na urna das assembléas populares!

O parlamento reduz-se em taes circumstancias a uma perfeita mentira e a uma affronta gratuita ao decoro nacional.

Que papel desempenham delegados do povo, eleitos em virtude de ordens emanadas do governo, adstrictos por tibieza de caracter e por doutrinas epicuristas de escola de egoismos em presença de quem lhes prepara saltos de accesso em escala civil e prebendas chorudas no banquete orçamental?

Em semelhante estado de coisas, que valor cabe realmente a qualquer programma partidario?

E que figura fazem no meio de tão originaes legisladores os raros patriotas genuinos que são eleitos por influencia propria e por virtude real?

O parlamento portugez tem descido pouco a pouco até ás transações de feira e á lama das ruas; mas transações escandalosas; mas lama que salpica e macúla indelevelmente!

Deploravel destino de um povo que as ondas do mar beijaram altivas no transcurso de seculos, e que levou a fama de seu nome de gente a gente e de continente a continente n'um mesmo effluvio de sonho deslumbrante!

Comtudo, não desespéro ainda; assim como habil medico pode restituir á vida e á familia um doente abandonado por facultivos menos peritos, assim tambem um paiz moralmente enfermo e condemnado pode ser restituido á integridade de sua autonomia e ao amor dos bons cidadãos por clinico energico e atilado, não de escola de sciencia medico — cirurgica mas de escola de sciencia politico — social.

Um homem honesto, guiado pela urgencia das necessidades inaddiaveis, inflexivel na discriminação do justo e no attributo das recompensas: eis o que é preciso á patria portugueza, e o que será sufficiente para communicar-lhe seiva de vitalidade perduravel e não palliativo artificioso, sem propriedades sanativas como sem proficuidade intrinseca!

Encontrado um tal homem, e El-Rei pode sel-o, estabelecer-se-ha seguidamente o imperio da lei e a lei da rectidão immalleavel.

No parlamento não mais deveriam tomar assento funccionarios publicos, incompativeis por sua categoria official e por suas condições economicas com a intransigencia de legisladores imparciaes e com a absoluta independencia de voto.

O acto eleitoral tornar-se-hia um exercicio nobre de direito legitimo e sagrado, e não uma quasi almoeda vilipendiosa de que sae triumphante a arrogancia atrevida e a cabála vergonhosa.

E' este o meu ideal de eleições: cada freguezia escolhe com o seu pastor de entre os naturaes do logar os individuos que hão de eleger os delegados eleitoraes e elegiveis em cada concelho.

Cada concelho sob presidencia do respectivo presidente do municipio escolhe de entre os proprietarios da localidade aquelles já designados pelo sufragio das diversas freguezias para constituir o collegio eleitoral em cada sede de districto.

Cada districto, assistindo o seu magistrado superior escolhe de entre os membros do collegio eleitoral os deputados ou não concordando na escolha e mesmo para evitar melindres desagradaveis, procede por escrutinio secreto a seu apuramento.

D'este modo haveriam entrada no parlamento os homens mais interessados na boa e prudente administração das receitas do Estado, os quaes saberiam egualmente coadjuvar o governo quando necessario fosse.

Além dos deputados eleitos pelo systema indicado, outros deputados seriam escolhidos por delegação de cada classe e de cada corporação publica de entre individuos idoneos e de competencia provada tendo sempre em vista a sua não dependencia do thesouro.

El-Rei não poderia desde já conseguir a realisação pratica d'estas coisas attenta a deficientissima educação civica do povo portuguez e o espantoso analphabetismo que o assoberba, mas creio que algum resultado colheria accentuando desde agora o seu desejo vehemente de sustar os desmandos intoleraveis nascidos de ciosos receios e de apprehensões futilissimas.

Dizer a verdade aos reis segundo os dictames da consciencia em face dos factos que occorrem é dever imperioso de homem que ama a sua patria e que aprecia as instituições que a regem no conceito devido.

As eleições em nosso tempo são parte para immoralidades asquerosas, para degenerescencias caracteristicas, para desnudez de individuos e para estratagêmas de podridão.

Importa que a opinião do monarcha se manifeste positivamente, é mistér que a vontade regia seja elemento de victoria intemerata que desbanque para sempre chefes de governo frouxos e abandalhados, protectores de cohortes em que predomina exclusivamente a miragem da ganancia.

As paginas mais opulentas de belleza ingenita que radicam a historia portugueza em memoria de homens são exatamente aquellas que transmittem á posteridade as feições inconfundiveis de um Affonso Henriques, de um Diniz, de um João 2.º, de um José 1.º, que tiveram sciencia viril de querer em pról da patria e envergadura mascula no officio illustre da governação.

Queira El-Rei delinear-lhes o busto, armado de seu *veto* no plano de constitucionalismo em que se acha circumscripta sua esphera de acção, e veremos cahir a mascara dos ineptos, succumbirão os industriosos, brilhará o sceptro dirigente em fóco de dignidade e não será o parlamento uma impostura odiosa.

Janeiro, 2 de 1902.

D. Francisco de Noronha.

O REAL THEATRO DE S. CARLOS

UMBERTO GIORDANO

UM BOM RAPAZ

POR

Biornstierne Biornson

— Á Marit só uma coisa peço: não deixe por outra a casa de seu avô.

— Mas se o velho o exigir?

— Cale-se!... cale-se!... Não devemos fazer misterio de nossas promessas.

— Mas se me tratarem mal?

— Mais fortes, Marit, e em melhor defeza seremos, se todos souberem de nossos juramentos. Hão de falar do nosso amor, por força, e acabarão por nos desejar felicidade. Se alguns ainda houver que nos queiram mal, riremos d'essa má gente. Ver-nos-hemos uma vez por semana, teremos talvez a sorte de nos encontrar em algum baile e de dansarmos juntos abalando a casa. Ver-nos-hemos tambem na egreja e por signaes conversaremos. Se alguem de mau gosto nos fizer qualquer cantiga, veremos como se lhe ha de dar resposta. Juntos pelo coração, se o formos, tudo irá bem. Deixe estar Marit, que ainda havemos de ter dias bons. Amantes desgraçados são os timidos, os fracos ou então os soberbos que se não amam o bastante para esquecer, por exemplo, a differença de posição que os separa. Mal hajam apaixonados que de tudo e até de si mesmo teem medo! Nos livros o li e por mim o sinto: amor que se esconde não é digno de tal nome. Dia claro, ás claras tem de viver porque vive na alegria. Bem deve ter visto que velhos destroços e tudo o que seccou caem das arvores quando apontam as folhas novas. Quem uma vez atira para fóra do coração velharias mortas, torna-lhe a seiva a trepar como na arvore. Querida filha, vivamos! Dois noivos sempre fieis trabalham para o bem de todos, porque aos apaixonados futuros fornecem assumpto para um poema que a gente nova ha de saber de cór para recitar aos avós sempre dispostos a mostrarem-se incredulos. Marit, dê-me a sua mão e juremos que sempre havemos de ficar unidos, muito unidos. Então, vivamos!

Marit apoiou os cotovelos sobre os joelhos de Eyvind.

— Mas diga-me, querido, se o velho decidir que devo partir com o João Hatlen ou qualquer outro, ou simplesmente ir para outro districto em que não o torne a vêr...

— Diga-lhe assim, decididamente: Não!

— Não é tão facil, meu querido.

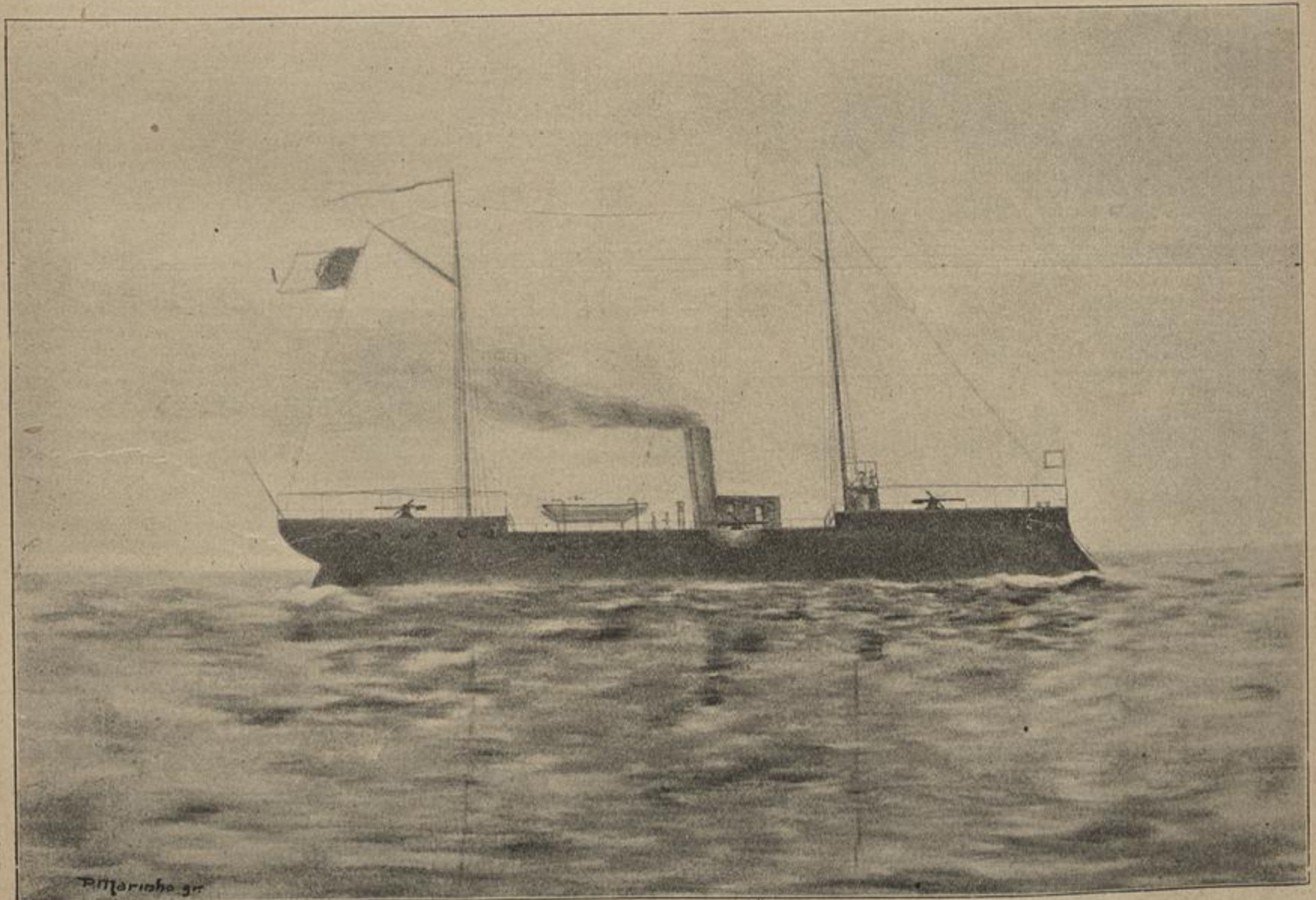
— Não ha de mettel-a á força no carro.

— Sem isso ser positivamente, tem cem maneiras de me tornar desgraçada.

— Deve-lhe obediencia, Marit, mas só até onde lhe não mande andar mal. É dever seu agora, declarar-lhe muito terminantemente que n'um certo caso não lhe obedece. Ficará, estou certo, tendo-a em muito melhor conte. Agora pensa, com muitos, que a sua teima é apenas criancice. Mostre-lhe que é um sentimento profundo.

— Acredite que já me não é tão facil sahir do casal. Guarda-me como uma cabra amarrada.

— Bem saberá dar cabo da corda.

— Lá isso agora!

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — NOVA CANHONEIRA QUE VAE SER CONSTRUIDA NO ARSENAL DE MARINHA

— Cada vez que em mim pensar, trinca-a um bocadinho.

— E cuida que tanto a fio penso no Eyvind?

— Se não fosse assim, estaria agora aqui sentada?

— Pois não me mandou recado para que viesse?

— Mandei, mas teria vindo se não fosse empurral-a o coração?

— Talvez. O tempo está tão bonito!

— Ainda agora dizia que estava quentissimo.

— Para subir até ao monte. Mas se eu só desci!

— Então, se não foi por isso que veiu, já deveria ter se ido embora.

— E' que precisava descançar.

— E tambem de falar de amor comigo, Marit.

— Decerto, tive certo prazer em ouvil-o; fala tantas vezes só!

Puzeram-se a rir e beijaram-se. E muito mais riram ao ver no pateo do casal o avô da Marit a andar de cá para lá e, de repente, agarrar-se á corda do sino para dar signal aos trabalhadores.

Os homens levantaram se, espreguiçaram-se abrindo a bocca, correram para as carretas e medas e logo foi tudo animação e trabalho na planicie.

O avô parecia andar á procura d'alguem ou d'alguma coisa; ia e vinha d'um lado da casa para o outro; subiu até á janella mais alta e poz-se a espiolhar os arredores quanto podiam seus olhos de velho; depois chamou um rapazote disse-lhe umas palavras e o pequeno desatou a correr para os lados de Pladsen. O velho poz-se outra vez a passear agitadamente em volta do casal; bem tinha elle avistado um ponto negro no grande rochedo em que Marit e Eyvind se haviam sentado e bem suspeitava de que fossem elles.

Mas passou pelo caminho um cavallo, e o maldito cão, que Marit levava sempre para guardal-a e que sempre a trahia, poz-se a ladrar quanto poude. Os cães dos pastores, cujos rebanhos se espalhavam por todos os declives da serra, vieram logo á chamada.

Quando avistaram o collega do tamanho d'um lobo, lembraram-se de todos juntos o atacarem. Foi um barulho enorme e Marit fugiu. Eyvind precipitou-se na refrega; mas os cães só mudaram de campo de batalha e outra vez assaltaram o gordo collega á beira do rio, com uivos ferozes. Eyvind, enraivecido, recomeçou uma furiosa distribuição de pontapés e atirou com todos ao rio. Assim terminou o memoravel combate na matta. Mas os latidos haviam ensinado o caminho ao avô de Marit.

— D'onde vens tu? perguntou-lhe encontrando-a por detraz d'uma moita.

— Da matta.

— E que foste lá fazer, se fazes favor?

— Fui apanhar bagas maduras.

— E' peta.

— Pois é peta, sim, sr. Fui conversar com uma pessoa.

— Com o rapaz de Pladsen?

— Pois com quem havia de ser?

— Olha, Marit, ámanhã sahes d'aqui.

— Isso sim! O avô não tem forças para me arrastar até ao carro.

— Basta-me querer.

— Mas não ha de querer.

— Não hei de querer! Olha Marit, fica sabendo .. E olha que o fazia a brincar. Sou capaz de dar cabo dos costados a esse valdevinos.

— Não era capaz d'isso!

— Não era capaz d'isso! E quem m'o havia de impedir?

— O mestre-escola.

— Bem lhe importa o mestre-escola esse patife!

— Foi elle que o metteu na Escola de Agricultura.

— E que me importa, fazes favor de me dizer? Não quero que me tornes a falar n'esse doido. De ti, Marit, é que tenho pena. Sou um velho; só desejo ver-te respeitada e vejo-te exposta a maledicencias e cantigas; só quero o teu bem e é o que não queres perceber... Para mim, tudo ha de cedo acabar... não ficarei cá para velar por ti. Lembra-te de tua mãe, Marit, que morreu porque foi doida. Tem juizo e sê obediente, que eu não quero senão o teu bem.

— Não é n'isso que pensas.

— Não é n'isso que penso, Marit?

— Não, é só no gosto de fazeres em tudo a tua vontade.

— E quem ha de aqui mostrar vontade senão eu? Serias tu, minha mosquinha? Se não fosses tão crescida já, levavas agora um bello açoite. Mas não, Marit, quero falar-te com ternura; sou um velho que dizem ter algum juizo, e tu deves escutar-me e amigavelmente conversar comigo. Não sou tão rico como por ahi suppõem. Não estou para te dar o dinheiro e dar gosto a um jam-ninguem, que não tem onde cahir morto. E que te importa casar com este ou com aquelle, comtanto que seja com um homem de bem? O amor, é coisa agradavel para d'elle se falar, mas acabou-se. O amor é coisa boa para os padres e gente que não trabalha. Mas nós temos que pensar no pão de cada dia, na palavra de Deus e em nos instruirmos como pudermos. Depois é que podemos pensar no amor, se o encontramos no caminho. Mas andar á procura d'elle... mette-se n'isso o diabo. Começar a vida pelo amor é tentar a fome. Parece-me que o que digo é ajuizado. Tens ainda que responder?

— Não sei. Sim, sei, mas não me atrevo a responder-lhe o que penso.

— Responde; dou-te licença.

— Pois olhe, pae; do amor só penso muito bem.

O velho ficou-se um instante pasmado; lembrou-se de cem conversações que já tinha tido com a neta e todas com o mesmo final. Sacudiu a cabeça e voltou costas.

Armou questão com os trabalhadores, ralhou com a criada, bateu no cão grande e por um triz não mata de susto uma galinha muito gorda, que perseguiu pelo campo, porque cacarejava. Mas á Marit não disse mais nada.

N'essa noite, quando Marit foi para o quarto, deitar-se, sentiu-se tão feliz, que abriu a janella e poz-se a cantar. Cantava uma canção d'amor que achára n'um livro lindo, e era o livro que Eyvind lhe tinha dado

XII

LINDO FINAL

Passaram-se seis annos. E' pelo outomno. O mestre-escola subiu até Nordistuen; abre a porta da grande sala e não vê ninguem; vai de quarto em quarto até ao mais afastado da casa. Ahi, Ole Nordistuen está sentado de braços cahidos, em frente do lume. O mestre comprimenta-o, pega n'um banco, e senta-se defronte d'elle.

— Mandou-me chamar, velho Ole!

— Mandei, responde Ole com voz abafada.

O mestre encheu o enorme cachimbo.

— E que deseja de mim!

O velho não respondeu.

— Sabe, Ole, continuou o mestre-escola, olhando para um livro que estava aberto sobre um banco ao pé do rendeiro, sabe que ha já tempos que se lhe vae dobrando esse corpo?

— Bem sei; vou perdendo as forças D'aqui a pouco estou no caminho para a cova. E até para essa me hão de levar. Ora por isso quiz conversar um bocado.

— O livro que está lendo é um bom livro, Ole. Mas já n'elle entrou para além da capa?

Já, agora, todas as manhãs, leio o livro das Escripturas.

— E que tambem agora as coisas não lhe correm direitas.

— Vão tortas, vão.

— Assim me aconteceu tambem. Houve tempos em que só tive odio para o que era do meu sangue e bem desgraçado fui. Tive animo para ir ter com elle e desde logo soceguei meu coração.

Ole olhava para elle e não lhe respondia.

— Ole, não tem já cuidado que se lhe vai o casal?

— O casal é como eu; vai descendo a pendente.

— Quem tomará conta d'elle, quando o Ole se fôr?

— Sei cá! E é o que me rala.

— Seus visinhos, Ole, corre-lhes o tempo melhor.

— São ajudados pelo chefe da cultura.

— Pois tambem devia ter um ajudante. Já lhe custa muito a andar e a respeito dos novos processos de cultivo parece-me que d'elles pouco pesca.

— Quem ha por ahi que me possa ajudar?

— Mas já procurou?

Ole calou-se mais uma vez.

— Tambem eu não soube conhecer o Senhor, continuou o mestre. E dizer-lhe: «Senhor, sois máo para mim» E elle respondia me: «Pois que fizeste, para que te seja bom?» Resei, e outra vez lh'o digo, soceguei meu coração.

Ole continuava calado.

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE II

A meteorologia em Lisboa

1880-1901

Temperaturas maximas registadas no observatorio D. Luiz em cada mez

Anno	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
	°	°	°	°	°	°	°	°	°	°	°	°
1880	16,0	17,0	21,6	18,9	28,2	30,4	28 1	32,9	31,4	27,9	18,7	16,2
1881	16,9	16,5	19,6	24.8	28,2	29,3	34,4	37,6	32,2	25,1	22,8	15.6
1882	15,7	20,1	22,0	23,8	25,7	29,1	35,1	35,7	29,9	27,1	20,3	18,4
1883	15,2	21.5	18,4	21,5	24,4	27,5	31,4	32,6	31,5	27,1	21,5	16.9
1884	19.0	16,0	20.6	18,6	26,7	31,1	36,4	36,6	30,2	29.5	21,6	15,8
1885	15,5	19,6	18.3	21,0	29,2	31,0	29.9	37,8	30,0	23,1	18,2	16,7
1886	14.5	16.0	21.2	22,1	27,6	32,4	32,2	34,4	28,5	21,6	20,4	16,8
1887	16,9	18,3	23,5	21,6	27,0	33,3	31,8	34,5	29,6	22,8	19 0	16,5
1888	16.0	14,6	15,9	23,8	30,0	30,1	29,4	35,4	28,8	22,8	18,9	17,7
1889	14,8	21,2	20,5	19,4	21,2	30,9	31,7	35,5	34,3	21,9	20,6	15,1
1890	16,9	18.2	22,0	23,2	25,7	33 0	31,4	31,4	34,5	27,5	20,2	15,7
1891	14.6	21.3	20,8	23 8	26,0	32,7	35,9	35,2	29,7	24,5	18,8	16,8
1892	18.0	18,7	22,0	25,1	30,4	34,3	34,2	37,5	31,7	22,0	20,1	17,0
1893	16,8	16,7	24.8	23,6	27,1	34,6	34,5	34 5	31,2	30,1	22,6	16,8
1894	17,6	17,7	20.6	18,0	29,4	31,0	33,6	35,9	29,7	25,4	19,9	16,4
1895	15,3	17,2	18,5	23,4	29,4	35,0	35,4	32,7	30,1	25,2	21,8	18,1
1896	17,5	19,2	23,1	27,7	28,0	33,3	35,6	34.2	30,2	25,1	18,7	17,5
1897	14,8	20,0	28,3	24.2	27,8	37,5	36,4	31,1	31,4	27,1	22,6	17,6
1898	15,4	20,1	21,0	23.8	28,9	32,9	33,5	35,9	34,1	25,7	20,2	16,4
1899	15,9	22,8	24,1	28,8	30,9	31,3	37,8	35,5	35,1	27,0	20,4	18,2
1900	16.8	17.9	19,1	30,4	20,3	29,6	34,6	30,9	32,4	28,4	19,7	17,5
1901	16,3	15,4	18,2	27,6	26,4	31,2	26,5	35,8	26,5	27,2	20,6	16,1
Maxima:	19,0	22,8	28,3	30,4	30,9	37,5	37,8	37,8	35,1	30,1	22,8	18,4

1880-1901

Temperaturas minimas registadas no observatorio D. Luiz em cada mez

Anno	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
	°	°	°	°	°	°	°	°	°	°	°	°
1880	2,3	6,0	8.5	8.9	8 2	11,2	12 8	16,0	13,7	12,0	7,0	3,4
1881	2 1	7,3	8,9	3.4	11,3	12,4	15 0	14,5	13,2	7.3	4 5	2,1
1882	3.9	4,0	6.3	7,2	9 2	12,8	13.7	14,0	12.3	10,0	6,3	3,5
1883	4 0	3,8	2,4	8,1	8,0	12,5	14.0	12,7	13.2	8,3	5 6	1,6
1884	0,2	5,0	6.5	7,1	9,4	10 0	14 7	14,9	13.4	8,2	1,8	2.0
1885	-0,1	7.3	5,0	6 5	10 0	12,1	13,7	14.6	12,1	8,4	4,5	3,6
1886	2,4	[illegible]	7,9	7.5	9.3	12,1	15,0	15,0	13,5	9.0	5,0	2,0
1887	-0.3	0,5	4,2	4.7	10,0	13,2	15,1	15 6	12 5	8,9	7.3	-0,4
1888	0,1	1,5	3,3	5,8	10.1	13,3	14,3	13,9	14.1	10,1	6,0	4,5
1889	2.0	1.3	5,0	7.0	8.6	11,0	15,1	14 3	13,2	9,7	1,4	2,8
1890	3,1	3.5	1.1	8,8	10,0	12,3	13,4	13.8	12.5	8.4	1,2	2,4
1891	-1,0	3 6	6.0	8,0	10.2	13.0	15,5	13 2	12,8	10 1	7,4	2,1
1892	2 5	5,4	5,7	6.7	10,3	12.9	13.1	14.3	13,5	9,7	8,1	3,2
1893	1,9	6,5	8.8	9 7	12,1	14 2	16,0	16 8	13,4	10 4	4,5	2,7
1894	0,5	4,8	4,9	8.5	10.1	12,0	13,6	15,1	13,4	10,8	6,3	4.4
1895	3.1	0.9	4,8	7,6	11,6	12,7	15,6	15,8	15.0	7,2	7 6	7,5
1896	0,5	4,9	7,0	9.0	11,6	12,7	15.6	14,6	14,9	7.6	4.7	3,0
1897	[illegible]	[illegible]	7.8	9.7	11,0	11,7	15 9	15,7	13,8	12,7	8,9	5,5
1898	3.4	4,7	4,5	7 4	10,0	12.4	16,4	16,8	15,2	12,6	6,7	3,7
1899	2,9	7,1	6.7	8,4	12,5	16,3	14,9	18.2	13,3	15,9	7,8	3.9
1900	2,8	5,6	5,3	7.9	10,1	12,2	14,7	14 7	14.2	6,3	6,0	5,6
1901	2,6	0.8	5,6	7.6	11.3	14 8	14,1	15,4	14 3	9,6	2,3	1,9
Minima:	-1,0	0,5	1,1	4,7	8,0	10,0	12,8	12,7	12,1	6,3	1,2	-0,4

(Continúa)

Antonio A. O. Machado.

— Tenho uma neta, disse por fim. Ella bem sabe o que eu desejava que fizesse antes da minha abalada d'este mundo, mas não quer.

O mestre-escola sorriu-se.

— Eu pedia-lhe coisa de que elle gostasse.

Ole disse que não com a cabeça.

— Muitos motivos de rallação são os seus, continuou o mestre, mas bem vejo que todos se ligam ao casal.

— Atravessei muita geração, disse Ole quasi em voz baixa. Conheço bem este meu terreno, que é bom. De paes para filhos ahi enterrámos tudo. Mas ha annos que nada quer produzir. Não sei o que d'elle arrancarão quando eu me fôr. Quem ha de ficar com o casal não será do meu sangue.

— Mas não tem ahi a Marit, sua neta? Ella, Ole, ha de continuar a familia.

— E o que casar com ella querera ficar com o casal? Isso queria eu saber antes d'ir descançar para sempre. E, sabe, Baard? não temos tempo a perder.

Ficaram silenciosos um momento.

— Vamos dar uma volta, disse o mestre, olhamos para a terra por este lindo tempo.

— Pois sim. Trago acolá uns trabalhadores, que me perdem o tempo se não olho por elles.

O velho cambaleou indo buscar o grande chapéo e o bordão.

(Continúa).

A CONFESSADA

— Já chegou? perguntou a gentil rapariga ao sacristão que vinha accender as velas do altar de S. Miguel, em frente do qual ella se ajoelhára momentos antes.

— Agora mesmo, minha santa — respondeu o ladino sacrista, sorrindo maliciosamente para a rapariga. Está na sacristia paramentando-se para ir dizer a missa das almas.

Ouvindo isto, a rapariga levantou-se e foi pela egreja fóra, fazendo mezuras em frente dos altares, dirigindo-se pelo comprido corredor, áquella hora solitario, para a casa do despacho.

O sacrista continuou no seu trabalho; mas, tão desastradamente o fazia, que em vez de accender as velas do altar, chegou com o pavio aceso, ao nariz do pobre S. Miguel, em risco de pegar fogo ao famoso quadro. Se a confessada do sr. prior, como elle ironicamente lhe chamava, lhe tirára a noção do que estava fazendo...

Quando esta desappareceu e elle olhou para o seu bello trabalho, não poude deixar de sorrir e exclamar aflicto:

— Oh! almas bemdictas!... Olha como o diabo ia agora vencendo o S. Miguel!...

E depois, suspirando e fallando com os seus botões:

— Mas a verdade é que a pequena é uma tentação!... Palavra que não me importava nada de ser o seu confessor...

*

O sol começava a entrar surrateiramente pelas janellas do côro, fazendo reflectir na pequena nave da egreja toda a vitrage que as guarnecia, e formando como que um tapete lindissimo, no chão.

Era ainda muito cedo para que os fieis começassem a apparecer, e por isso a egreja estava deserta.

A rapariga, chegada que foi á porta da casa indicada pelo sacristão, bateu brandamente. Ouviu-se um «quem é» que a fez sorrir.

— Sou eu senhor prior, disse ella levantando o fecho da porta. E entrou.

— Tão cedo por cá hoje, exclamou o prior — rapaz ainda, nada feio, nutrido e reforçado — dirigindo-se ao encontro da cachopa.

— E' verdade, tornou esta, com ar gaiato, — desejo confessar-me outra vez, porque sou uma grande peccadora, e ha oito dias que me não confesso.

O padre olhou para ella, sorrindo tambem. Depois, conduziu-a proximo da cadeira em que se sentou; mas logo, reparando no frio que vinha da porta, levantou-se e foi, pé ante pé, fechal-a á chave, não sem primeiro espreitar se alguem teria visto entrar a moçoila para alli!...

....

Quando a confessada sahia, o farçante do sacrista, que a esperava encostado á porta da egreja, segredou-lhe ao ouvido:

— Ai! minha santa, muitos peccados deve ter... Leva tanto tempo a confessar-se!... Se eu fosse seu confessor, creia que a absolveria de todos!...

Ella ruborisou-se e olhou para elle de maneira tal, que por pouco o pobre sacrista não cahiu fulminado...

Ricardo de Souza.

METEOROLOGIA

Janeiro de 1902

Dias	Barometro	Temp. extrema	Céu	Vento	Chuva	Notas
	mm	° °				
16	775,7	14,2-6,3	Nublado	NE	0,0	Alg. nevoa
17	772,4	9,0-6,4	Encob.	NNE	0,0	Nevoeiro
18	769,6	12,9-8,0	»	»	1,0	»
19	772,4	13,0-9,0	»	»	0,0	»
20	772,6	11,9-6,0	Nublado	NE	0,0	»
21	772,3	13,0-6,2	»	NNE	0,0	Halo da lua
22	769,8	11,5-7,2	»	»	0,0	»
23	767,3	11,9-5,4	»	»	0,1	Halo do sol
24	767,7	14,1-6,7	»	N	0,0	Arco iris noc.
25	768,7	13,3-9,3	»	NNW	0,4	Orvalho
26	771,0	12,8-8,1	A. nuv.	NNE	0,0	—
27	770,4	12,7-4,9	Limpo	»	0,0	—
28	767,6	14,4-7,6	P. nubl.	»	0,0	—
29	767,0	14,6-9,0	Nublado	NW	0,3	Orvalho
30	769,7	10,2-6,0	A. nuv	NNE	1,0	—
31	765,0	8,1-4,3	P. nubl	NE	0,0	—

CHRONICA METEOROLOGICA

Os trez ultimos dias do mez foram de intenso frio em todo o reino. Em Lisboa, na noute de 31 de janeiro para 1 de fevereiro, o thermometro chegou a accusar um minimo de 0°,6. Na Guarda, em 29, observou-se um minimo de — 4°, em 30, de — 5°, e em 31 de — 7°. Em Coimbra, em 30, o thermometro desceu a — 3°,9, e em 31 a — 1°,1. — Na Regoa, a miuima foi de — 3°, em Beja, de — 2°, e em Vendas Novas — 1°.

Na visinha Hespanha e sul da França, o frio tambem se fez sentir.

Em Madrid, registou-se, em 30, — 4° e em Bordéus, — 7°,7.

Recebemos e agradecemos:

A Bruxa — *Scenas açorianas. — Romance por Augusto Loureiro — Com um prefacio de Armando da Silva — Antiga casa Bertrand — José Bastos — Lisboa. 1901.*

O presente romance tem já a sua historia bibliographica. Segundo uma nota no fim do prefacio, foi escripto entre os annos de 1873 e 1876, teve a sua primeira edição em Ponta Delgada n'este ultimo anno, no volume *Serões d'Inverno* com este titulo: «O Cego». Depois, em 1882, foi publicado em folhetins do *Diario de Noticias* de Lisboa, modificado no entrecho e muito ampliado na parte descriptiva e na reproducção dos costumes locaes. A presente edição, que é, portanto, a terceira, apparece corrigida dos erros e truncamentos da sua predecessora, da qual o auctor não reviu as provas. Para a primeira edição escreveu um prologo o dr. Caetano d'Andrade Albuquerque, distincto escriptor michaelense.

A presente edição constitue uma respeitosa homenagem do talentoso auctor do romance a Sua Magestade a Rainha, por occasião da regia visita aos Açores. Mas antes de se realisar a viagem real já a augusta princeza se dignara acolher benevolamente a dedicatoria que o sr. Loureiro lhe fizera do seu trabalho. Publicado depois da viagem se ter effectuado, o livro, que até então se podia considerar um preito de documentada informação, tornar-se-ha n'uma commemoração patriotica.

Do magnifico prefacio do sr. Armando da Silva recortaremos alguns periodos, que darão perfeita idea do assumpto do romance e da forma como está tratado:

«A bruxa é o romance da vida das nossas aldeias açorianas, que o auctor estudou conscienciosamente: Os seus typos, a sua linguagem, os seus costumes são lidimos açorianos. Porventura algum dos seus personagens — permitta-me o meu caro Loureiro a indiscripção, — viveu em carne e osso antes de ser transportado para o livro. O regedor foi professor de latim do auctor, o cura seu companheiro de caçadas; a doida e o cego existiram tambem.

«Além d'isso, o theatro onde o drama se desenvolve é bem nosso conhecido. É uma pequena povoação interior da ilha de S. Miguel, a Candellaria, com pouco mais de um milhar de habitantes. Os montes que se elevam do lado direito, com a sua encosta coberta de Calluna e Sphagnos, vão terminar nas cumieiras das Sete Cidades, essa pérola de purissimo Oriente encravada n'um annel de elevadas paredes volcanicas, cuja rudesa amácia a vegetação luxuriante dos Chryptomerias.»

«Fóra dos typos, fóra da paizagem, temos ainda na *Bruxa* uma descripção de varios dos nossos costumes. A ethnologia michaelense está egualmente estudada com amoroso cuidado. As festas do Espirito Santo, transformação de velhos cultos polytheiistas, com o symbolo phallico da pomba, desapparecidos de todo no continente desde o fim do segundo quartel do seculo passado, mas mantendo-se ainda vivas, nas ilhas, no Brazil e na India portugueza os usos nupciaes locaes, restos mais caracteristicos da phase social primitiva, que como todos os usos que se referem á familia, se conservam pela lei da persistencia, resistindo tenazmente contra todos os obstaculos e assimilações, lá estão fielmente descriptos, pela habil mão do escriptor que é Augusto Loureiro, no seu romance açoriano.

«Tudo isso: typos, paizagens, costumes, entrelaça-se n'uma historia idyllica de amor. Não ha, não pode haver romance sem amor, porque o amor é que dirige o mundo e é o mobil da maior parte das acções humanas.»

Effectivamente a *Bruxa* é um lindo romance, de um entrecho docemente commovedor, de linguagem agradavel, e cuja leitura se pode recommendar com affoutesa.

Almanach illustrado do «Occidente» para 1902. — O nosso almanach para 1902, como de costume, insere um minucioso calendario e todas as tabellas uteis e indispensaveis em um livro do seu genero bem como um grande numero de artigos profusamente illustrados e allusivos aos acontecimentos mais importantes do anno.

A parte propriamente litteraria abre com uma descripção historica da cidade de Guimarães, da egreja de Nossa Senhora da Oliveira e da de S. Miguel do Castello, seguindo-se outros assumptos, em que se destacam: Real Collegio Militar na Luz; quarto centenario de Damião de Goes, com um retrato, copia de gravura da epoca; antiga egreja da Varzea, em Alemquer, onde está sepultado o erudito chronista; uma narrativa muito completa da viagem real ás ilhas, occupando algumas paginas e illustrada com as vistas da ilha do Porto Santo e do porto do Funchal, uma villôa madeirense, um carro e uma rede para transporte de passageiros; uma vista do Rabaçal; ilha de Santa Maria; egreja matriz do Fayal; cidade de Angra; furnas de S. Miguel; desembarque de SS. MM. em Angra; revista pecuaria no Paul. Retratos do cons.º Hintze Ribeiro, de S. A. Real D. Luiz Filippe; Arthur Nikisch e a orchestra philarmonica de Berlim; o rei Eduardo VII de Inglaterra, e os reis da Hollanda; o pintor José Malhôa; uma vista da sala de jantar do Palacio Foz; typos de theatro. Necrologia, agrupando os retratos de Antonio Maria Cardoso, visconde de Serpa Pinto, Victor Cordon, Luciano Cordeiro, Thomaz Ribeiro, Teixeira Bastos, Visconde de S. Januario e cons.º Antonio Ennes.

A capa, lindamente colorida, representa uma vistosa tourada á antiga portugueza.

O almanach custa apenas 200 réis brochado, 300 réis cartonado, e pelo correio accresce 20 réis do porte. Acha-se á venda em todas as livrarias e os pedidos podem dirigir-se á Empreza de *Occidente*. Largo do Poço Novo, Lisboa.

Cintra — *Carme latino, tradotto in versi italiani — Prospero Peragallo — Stab. Papini — Genova, 1901.*

Desde outubro ultimo que temos presente, com uma affectuosa dedicatoria do illustre escriptor e nosso presado amigo rev.º Prospero Peragallo, este seu novo trabalho.

Cintra é um poema em verso latino, composto pelo já fallecido arcebispo de Tyro, Domenico Jacobini, quando nuncio apostolico em Lisboa.

Querendo commemorar o casamento do seu amigo dr. Vittorio Cereseto com D. Eugenia Carezzano, publicou o rev.º Peragallo, no elegante folheto com que nos brindou, aquelle poema, acompanhando-o da respectiva traducção em verso italiano.

Modestamente escreve o erudito ancião que é possivel ter violado o preceito *sumite materiom*. Considerando que ha sessenta annos não traduzia um verso classico latino no metro italiano e que ao estudo das linguas mortas preferiu o das linguas vivas, é bem possivel que seja réo d'aquelle peccado; todavia, como nunca teve nem tem a minima pretenção a litterato, espera que ao fiasco não se seguirá o apupo, tanto mais que aos seus leitores o opusculo não custará cinco réis. E diz o proverbio portuguez: *a cavallo dado não se olha o dente.*

Fallece-nos a auctoridade para bem ajuizar do valor do trabalho do venerando poeta, mas temos a certeza de que a apreciação dos entendidos deve ser o mais lisongeira possivel para elle.

Como portuguezes é que não hesitamos um só momento em affirmar que a traducção do *In Cynthiam* é uma apreciavel prova da vivissima sympathia que o rev.º Peragallo sempre dedicou ás cousas portuguezas e ás quaes embora de longe rememora por forma tão captivante.

BELGICA — A Bolsa de Bruxellas

Almanachs e calendarios:

— *Fabrica de bolachas e biscoitos da fabrica da Panpulha de Eduardo Costa — Calendario para 1902.* É um bem composto chromo, tendo no alto o retrato do esclarecido industrial que tão grande incremento tem sabido dar á sua industria, e no centro um brilhante quadro historico recordando a celebre fala patriotica: «É esta a moeda com que El-Rei de Portugal paga os seus tributos.» Inferiormente vê-se, junto do calendario de desfolhar, o monumento a Affonso de Albuquerpue, e ao fundo o mosteiro dos Jeronymos, o que é um pouco forçado, porquanto a estatua se ergue, em contrario do que pode dar a entender o desenho, em frente do palacio real de Belem.

— *Almanach da Typographia Castro & Irmão.* Cada anno são mais aprimorados estes lindos livrinhos, os mais antigos no genero qne conhecemos. A sua impressão e composição honram bastante as officinas que produzem tão encantador almanach.

— *Brinde da officina de encadernador de J. A. Ribeiro — Rua dos Retrozeiros, 138.* Outro pequenino almanach, excellentemente composto e com o qual o sr. Julio Ribeiro brindo a sua clientela.

— *Armazem de Viveres de Albino David Martins, Rua do Carmo, 41.* Este livrinho, artisticamente impresso, contem um almanach e os preços correntes para 1902

— *Loja do Japão de Manuel Antonio da Conceição R. do Ouro, 85 e R. do Poço dos Negaos, 129.* Como o anterior contem alem do respectivo almanach um minuciosa lista dos preços correntes dos artigos á venda nos dois estabelecimentos. A capa é colorida, com relevos e recortada, o que lhe dá muita novidade.